

Jornalismo cidadão e Independent Media Center

Maria das Graças Targino

Jornalista e Pós-doutora em Comunicação pelo Instituto Interuniversitario de Iberoamérica da Universidad de Salamanca.

Docente da Universidade Federal do Piauí e da Universidade Estadual do Piauí.

E-mail: gracatargino@hotmail.com

Resumo: O Independent Media Center (IMC), com atuação nos cinco continentes e em 57 nações, incluindo o Brasil, constitui o maior representante mundial do jornalismo cidadão, uma vez que impulsiona a participação dos indivíduos como produtores e consumidores de notícias. A partir de sua autodefinição e evolução, aliadas a dados referentes à filosofia de ação, ao funcionamento e à política editorial, analisam-se os processos externos do site IMC central, com o intuito de verificar o equilíbrio entre sua proposta teórica de ação e seu funcionamento técnico.

Palavras-chave: jornalismo cidadão, jornalismo participativo, Independent Media Center.

Abstract: The Independent Media Center (IMC), present in the five continents and in 57 countries, including Brazil, is the major reference of the citizen journalism, because it has increased the common individuals' participation as producers and consumers of news. Based on its auto definition, evolution, philosophy of action, operacionalización and its editorial politics, the central objective of this work is to analyze the external processes of the central site IMC. This analysis is made in order to verify the equilibrium between its theoretical proposition and its technical operacionalización.

Keywords: citizen journalism, participative journalism, Independent Media Center.

Dentre as múltiplas mudanças que afetam o jornalismo contemporâneo, está o denominado jornalismo cidadão, ou jornalismo participativo, ou jornalismo de fonte aberta, além de outras titulações que variam, às vezes, de autor para autor. Origina-se do *webjornalismo*, jornalismo presente no espaço cibernético, contemplado em portais, *sites*, *blogs* etc., o qual reúne traços da imprensa escrita, televisiva e radiofônica. No entanto, diferencia-se do *webjornalismo*, por priorizar a figura do cidadão como disseminador das notícias. Isto é, seu traço diferencial é a possibilidade de permitir a qualquer indivíduo disponibilizar informações de conteúdo noticioso de imediato, mediante computador conectado à internet, e sem intermediação do jornalista.

Tanto o *webjornalismo* como o jornalismo cidadão despertam controvérsia. Entre os pontos polêmicos: a natureza dos conteúdos como verdadeiramente noticiosos ou não; os riscos em relação à preservação do jornalismo como profissão e do jornalista como profissional; e sua interferência no agendamento. São pontos de interrogação debatidos com vigor e, às vezes, com furor, por estudiosos do *webjornalismo*, os quais se posicionam a favor ou contra, sem refutarem, porém,

Recebido: 26/11/2007

Aprovado: 11/08/2008

1. LÓPEZ, S.; ROIG, G.; SÁDABA, I. Nuevas tecnologías y participación política en tiempos de globalización (Novas tecnologias e participação política em tempos de globalização). Bilbao: He-goia, 2003.

2. TARGINO, M. das G. Jornalismo de fonte aberta e seu enfrentamento às teorias do jornalismo: o caso do Centro de Mídia Independente Brasil. 2007. 258 f. Tese (Instituto Interuniversitario de Iberoamérica da Universidad de Salamanca) – Universidad de Salamanca, Salamanca, 2007.

3. INDEPENDENT MEDIA CENTER (IMC). [Informações dispersas]. Disponível em: <<http://www.indymedia.org>>. Acesso em: nov. 2007. *Passim*, tradução nossa, grifos nossos.

4. *Ibid.*

5. LÓPEZ; ROIG; SÁDABA, op. cit.

6. MORRIS, D. Globalization and media democracy: the case of Indymedia (Globalização e a mídia democrática: o caso do Indymedia). In: SCHULER, D.; DAY, P. (Eds.). *Shaping the network society* (Formando a sociedade de rede). Massachusetts: MIT Press, 2003. Disponível em: <<http://www.fis.utoronto.ca/research/iprp/c3n/CI/DMorris.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2007.

7. MOURNIER, P. *Los dueños de la Red* (Os donos da Rede). Madrid: Ed. Popular, 2002.

que a escrita livre em *sites* e *blogs* noticiosos há muito deixou de ser fenômeno amador, o que impossibilita ignorar suas repercussões para o jornalismo.

Desde o início da década de 1990, surgem as primeiras ações de ativismo ou de intervenção social na Rede. Em tentativa de recompor a evolução política da internet via mapa histórico, que mostra a intervenção da tecnologia na inserção dos cidadãos na participação pública ao longo das décadas, López, Roig e Sádaba¹ fazem alusão à *Asociación para las Comunicaciones Progresistas*, à *Federación Ipanex* e ao primeiro *hackmeeting*, em Florença (Itália), além de experiências recentes, como o *slashdot* e o *kuro5hin* (K5). Mas o jornalismo cidadão se expande fortemente graças ao Centro de Mídia Independente (CMI) ou *Independent Media Center*, IMC, denominação original.

Como qualquer *site* de caráter jornalístico, o IMC, através de sua página Indymedia, mantém processos internos e externos de produção. Os primeiros incorporam política editorial e econômica, e rotina de produção de notícias². Os processos externos referem-se à conformação da página em si, objeto deste *paper*, que analisa o *site* Indymedia (IMC central), quanto aos itens: categorização/estruturação; aplicabilidade/usabilidade/navegabilidade/interatividade.

INDEPENDENT MEDIA CENTER: AUTODEFINIÇÃO E EVOLUÇÃO

Ao tempo em que o IMC emerge e se solidifica, se autodefine como

[...] *coletivo* de organizações de meios de comunicação *independentes* e de centenas de jornalistas que se propõem a oferecer aos povos uma cobertura *não corporativa e não comercial*, posicionando-se como “[...] via *democrática* de meios de comunicação para a geração radical de matérias *verídicas e apaixonadas*”³.

Em sua intenção precípua, desde sua criação, em 1999, em Seattle, Estados Unidos (EUA), o IMC ultrapassa as fronteiras desse país e penetra em outros territórios, em busca de um mundo mais igualitário. Apóia “[...] às pessoas para que elas mesmas se transformem em meios de comunicação com informações independentes, honradas, exatas e poderosas”⁴, assumindo suas vidas, entregues aos especialistas, incluindo jornalistas.

Apesar de López, Roig e Sádaba⁵ o identificarem com o movimento anti-globalização, o Indymedia não se reconhece como porta-voz de nenhum grupo. Contrapõe-se às práticas mercantilistas dos processos de produção, intercâmbio e disseminação de informação, confirmando Morris⁶ e Mournier⁷, para quem o cerne da estratégia indymediática é não delegar às agências de notícias nem a quaisquer meios a produção de informações de interesse coletivo. Sem intermediários e graças às tecnologias de informação e da internet, em particular, cada cidadão se transforma em produtor de notícias em potencial.

Sob essa ótica, internet (não obstante sua trajetória anárquica) e Indymedia estabelecem conexão cidadã, assemelhando-se aos demais movimentos sociais. Nada impede que adeptos do Indymedia se posicionem contra conferências e

acordos de *livre comércio* e a favor do *comércio justo*, da mesma forma que há vez para quem protesta contra corporações multinacionais, instituições financeiras e governos. Existe espaço para qualquer luta. O Indymedia proporciona foro público para jornalistas independentes e organizações midiáticas, mas não determina o que tais profissionais ou instituições devem cobrir.

Em consonância com sua autodefinição e evolução histórica, que se inicia com protestos contra a Organização Mundial do Comércio (OMC), hoje, o IMC está nos cinco continentes (Quadro 1) e em 57 países díspares, incluindo o CMI

Quadro 1 – Coletivos do Indymedia

CONTINENTES	N. PAÍSES	N. CENTROS	CONTINENTES	N. PAÍSES	N. CENTROS	
EUROPA	Alemanha	1	AMÉRICAS	DO NORTE	Canadá	12
	Andorra	1		Estados Unidos	61	
	Armênia	1		Subtotal	2	73
	Áustria	1		LATINA	Argentina	2
	Bélgica	5			Bolívia	2
	Bielo-Rússia	1			Brasil	1
	Bulgária	1			Chile	4
	Chipre	1			Colômbia	1
	Croácia	1			Equador	1
	Escócia	1			México	3
	Espanha	9			Peru	1
	França	7		Porto Rico	1	
	Grã-Bretanha	3		Uruguai	1	
	Grécia	2	Venezuela	1		
	Holanda	1	Subtotal	11	18	
	Hungria	1	Subtotal (Américas)	13	91	
	Irlanda	1	ÁSIA	Armênia	1	
	Itália	1		Filipinas	2	
	Malta	1		Índia	2	
	Montenegro	1		Indonésia	1	
Noruega	1	Israel		1		
Polônia	1	Japão		1		
Portugal	1	Líbano		1		
Romênia	1	Miamar (ex. Burma)		1		
Rússia	2	Palestina		1		
Sérvia	1	Subtotal		9	11	
Suécia	1	ÁFRICA	África do Sul	1		
Suíça	1		Ambazonia	1		
Ucrânia	1		Nigéria	1		
Subtotal	29		Quênia	1		
OCEANIA	Austrália	6	Subtotal	4	4	
	Nova Zelândia	1				
	Subtotal	2				
T O T A I S G E R A I S				57	164	

Fonte: Pesquisa direta, dados Indymedia, dez. 2007.

Brasil. São, aproximadamente, 164 centros no mundo inteiro, com informações em oito línguas: alemão, espanhol, esperanto, francês, holandês, inglês, italiano e português. Há a possibilidade permanente de novos IMCs, observando-se, nessa contínua diversificação geográfica⁸, a prevalência dos EUA. No entanto, a hegemonia norte-americana tende a decrescer, com maior penetração nos demais continentes, ainda que continue incipiente na África^{9, 10}

INDEPENDENT MEDIA CENTER: FILOSOFIA DE AÇÃO E FUNCIONAMENTO

É possível agrupar os princípios que norteiam a filosofia de ação do IMC em três eixos: democratização das informações; não-mercantilismo; alternativa aos meios convencionais. O Indymedia populariza o fluxo informacional, graças à prática da publicação aberta, que consiste em veiculação de informações no espaço virtual, por meio de conexão à internet. Em que pesem vozes dissonantes, como as de Moretzsohn¹¹, para quem o jornalismo cidadão é *business* como o usual, o IMC se rebela contra o mercantilismo das informações e a prevalência da indústria cultural: “No mundo das notícias de Indymedia, a relação entre fontes, jornalistas e leitores é, entre todos, a mesma. Na comunidade de Indymedia, os publicitários, os anunciantes e os interesses corporativos estão fora do lugar”¹².

No momento em que disponibiliza informações aos estratos sociais desfavorecidos, e a custo zero, o IMC atua como mídia alternativa. Enquanto, na grande imprensa, a *vox populi* ecoa de forma longínqua e prevalece a *vox domini*, nas páginas indymediáticas, o grande público tem acesso à palavra. Ao grupo Indymedia.org cabe manejar a página do Indymedia internacional e coordenar questões técnicas e políticas editoriais que afetam os coletivos associados, reforçando estrutura reticular, que consolida sua lógica organizativa e reduz o monopólio dos conglomerados comunicacionais.

Para que a autonomia em vigor não desvirtue os propósitos genuínos dos tempos de Seattle, o Indymedia divulga decisões globais por meio de um *conselho porta-voz mundial*, ao qual compete confirmar as deliberações de nível local que possam ter alcance universal. Qualquer cidadão pode participar desse processo ou dos demais, no âmbito do IMC, com a ressalva de que o Indymedia central não possui escritório, nem endereço postal, telefone ou fax. Mantém projetos e propõe reformulações, em esfera internacional, sempre via internet.

Por outro lado, é vital conhecer o funcionamento do *newswire* do Indymedia, que assegura o princípio de publicação aberta. Proposta expressa que reitera a independência dos IMCs, os quais sobrevivem de doações, em termos financeiros, e do voluntariado, em termos de recursos humanos:

Nenhuma corporação é dona do Indymedia, nenhum Governo maneja a organização, nem mesmo um único doador financia o projeto. Indymedia não é o veículo de comunicação de nenhum partido político ou organização. As pessoas

8. SHUMWAY, C. A. **Building a participatory media network: The Independent Media Center movement** (Construindo uma rede midiática participativa: o movimento do Centro de Mídia Independente). 2003. Disponível em: <<http://chris.shumway.tripod.com/papers/chap3.htm>>. Acesso em: 12 out. 2007.

9. HERRANZ HERNANDEZ, J. **Análisis de los procesos de funcionamiento internos y externos de Indymedia Barcelona** (Análise dos processos de funcionamento internos e externos de Indymedia Barcelona). 2007. 114 f. Tese (Doctorado en Periodismo y Ciencias de la Comunicación) – Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona. 2007.

10. TARGINO, op. cit.

11. MORETZSOHN, S. **Citizen journalism and the myth of redemptive technology** (Jornalismo cidadão e o mito da tecnologia-redenção). *Brazilian Journalism Research*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 29-46, sem. 2, 2006.

12. HYDE, G. **Independent Media Centers: cyber-subversion and the alternative press** (Centros de Mídia Independente: ciber-subversão e imprensa alternativa). *First Monday*, v. 7, n. 4, p. 4, abr. 2002. Tradução nossa. Disponível em: <http://www.firstmonday.org/issues/issue7_4/hyde/index.html>. Acesso em: 27 jun. 2007.

envolvidas com o Indymedia têm ponto de vista político amplo e individual. Qualquer um pode participar da organização do Indymedia e qualquer um pode colocar notícias em seu *newswire*¹³.

O IMC investe além dos impressos. Mantém projetos globais ou locais de áudio, vídeo e rádio, disponíveis para profissionais jornalistas ou não. No entanto, se o IMC assegura às coletividades acesso a uma mídia livre de quaisquer pressões, até mesmo de identificação, pouco a pouco vem estabelecendo critérios de editoração, porque, como decorrência do anonimato, o próprio Indymedia tem sido alvo de sabotagem¹⁴. Isto faz com que estudos recentes¹⁵ ressaltem formas diversificadas de operacionalizar o sistema de edição nos distintos IMCs, com duas categorias de publicação aberta:

- 1) Uma que envia, quase automaticamente, matérias polêmicas ou discriminatórias, ou ofensivas, ou propagandistas, ou repetidas para o *arquivo oculto*, ou *lixo aberto*, cujas matérias podem ser esquadrihadas pelos mais curiosos ou mais transgressores, a qualquer momento.
- 2) Uma outra deixa ao encargo dos internautas e do público em geral o julgamento dos conteúdos, independentemente do teor.

Da mesma forma que há distinções na editoração de notícias de *sites* predecessores, como o *slashdot* e o K5, na esfera do Indymedia, a chance de variação da publicação aberta corresponde aos primeiros passos rumo à política editorial explícita. Para legitimar tais ações, o IMC central mantém o documento *Basic Editorial Policy Recommendation*, embora afirme que são meras sugestões.

INDEPENDENT MEDIA CENTER E PROCESSOS EXTERNOS

Categorização/estruturação

Em se tratando da categorização, o Indymedia enquadra-se mais como portal do que *website*. Este atua como espaço básico da informação, estruturando hierarquicamente os conteúdos para facilitar seu acesso, à semelhança de bibliotecas ou arquivos. Em oposição, o portal visa a públicos para os quais destina *conteúdos verticais*, agregando ferramentas que permitem inter-relação entre produtores e consumidores de informação. Mesmo assim, ao longo do texto, usamos portal e *site* como sinônimos, haja vista que portal é, em essência, *site*, ainda que nem todo *site* seja um portal. Afora essa ressalva inicial, no momento de analisar o Indymedia, é vital distinguir seus conteúdos estáticos *versus* dinâmicos.

Em termos sucintos, a página do Indymedia central incorpora, a princípio, *banner* com logotipo e a frase representativa de sua filosofia de atuação, antes transcrita: “Indymedia é um coletivo [...] de meios de comunicação independentes [...]”¹⁶. Na parte inferior, *links* remetem a outras partes do *site*: editoriais arquivados/contribuições/*publish/links*.

13. IMC, op. cit.

14. MOURNIER, op. cit.

15. HERRANZ HERNANDEZ, op. cit.

16. IMC, op. cit.



Figura 1

Com exceção do *banner*, a estrutura comporta três colunas centrais. É na esquerda onde, prioritariamente, estão os arquivos estáticos, cujos conteúdos não são alterados com frequência. Incorporam opções dos oito idiomas mencionados mais o motor de busca da página, incluindo, além de impressos, fotos, áudios e vídeos, com a observação de que os arquivos podem ser listados em grau de relevância ou ordem cronológica. Há *links* para subscrição ao Boletim *Indy-News Updates* e para todos os IMCs (Quadro 1), agrupados em blocos geográficos, bem com enlaces para os projetos do Indymedia e para diferentes pontos do *site*. São incentivos à participação dos internautas, não só como consumidor e produtor de informações, mas também como voluntário e participe em eventos de cunho social. O apartado *Processo* permite coordenar o IMC, incluindo o gerenciamento do *lixo aberto*.

Os elementos dinâmicos alteram-se permanentemente, graças às contribuições dos cidadãos e às ações levadas a cabo pela equipe técnica. Estão nas colunas central e direita. A seção central repete a frase representativa e os *links* do *banner*, ao mesmo tempo que traz os últimos editoriais. Estes representam espaço para posicionamento dos meios de comunicação quanto a temas polêmicos. No caso dos IMCs, não são necessariamente redigidos por membros do coletivo editorial. São escritos por qualquer pessoa com predisposição a seguir o *ritual* de edição. Porém, no momento em que o coletivo aprova seu conteúdo, o legitima, de modo que eles constituem a parte *nobre* do *site*, sempre munidos de recursos, como *links*, tradução, fotos, vídeos e áudios, comentários etc.

Na coluna da direita, o cidadão atua livremente como produtor de matérias noticiosas, as quais também podem vir enriquecidas por enlaces, fotos etc., dando concretude à publicação aberta. Há, nessa coluna, outros *links*, com

destaque para o RSS [*Really Simple Syndication*¹⁷], sistema que permite o custo baixo de manutenção do Indymedia. Em formato XML¹⁸, possibilita a atualização contínua dos *sites*, e é denominado por O'Reilly¹⁹ de *syndication*.

Aplicabilidade/usabilidade/navegabilidade/interatividade

Não obstante sua proposta de democrático, o Indymedia não possui aplicabilidade satisfatória. Seu *design* nem está projetado de forma amigável nem é de fácil acesso. Independentemente de *links* para os demais IMCs, a visibilidade se reduz com a predominância do fundo negro e textos brancos, como o próprio IMC admite: “[...] o fundo negro e os textos brancos dificultam a leitura [...]. Até agora [temos tomado] a decisão de permanecer com essa aparência. Se realmente você tem dificuldades em ler os artigos [...], clique ‘Imprimir artigo’ [...]”²⁰.

Essa decisão do IMC em não aperfeiçoar sua visibilidade e recomendar a impressão consiste em exemplo de contradição. Significa mais encargo para os cidadãos em termos de acesso, tempo e custo, em oposição a Martín²¹, para quem a aplicabilidade pressupõe uso imediato e facilitado, conduzindo à usabilidade. Esta, por sua vez, se refere às técnicas e aos processos que auxiliam na execução de tarefas no contexto gráfico da *world wide web* (www).

Como consequência dos itens anteriores – aplicabilidade e usabilidade –, dentro do conjunto da arquitetura de informação, a navegabilidade diz respeito aos meios que as páginas oferecem para que o internauta se localize entre diferentes caminhos, ao longo da estrutura montada. Está estreitamente vinculada com a diagramação ou interface gráfica. No caso do Indymedia, reiteramos que não satisfaz plenamente ao previsto nos três itens. Apesar de permitir ao usuário navegabilidade (condições de percorrer vários caminhos), haja vista que o indivíduo pode visitar outras páginas, por meio de diferentes *links* que são ofertados, indo de um *link* a outro, e, portanto, de um tema a outro, em diversas situações, essas possibilidades múltiplas sofrem a restrição de uma unidade meio caótica. Ao serem clicados, os *hiperlinks*, originalmente em cor laranja, tornam-se verdes. De fato, há uso excessivo do recurso do *hiperlink*, o que causa poluição visual na página. As expressões ficam grifadas e, muitas vezes, não se referem às palavras-chave, mas a expressões longas, como neste exemplo: *West Philadelphia Demonstration for Leonard Peltier, The Cuban Five, The SF 8, Mumia Abu-Jamal, The MOVE 9, and all political prisoners*; *link* de difícil legibilidade e acesso.

Isto é, o excesso de *hiperlinks* (às vezes, mal construídos) e de informações, ora duplicadas, ora triplicadas, prejudica a navegabilidade, além de causar poluição visual da página. Registram-se ícones sem uniformidade. E mais, apesar de ser comum material complementar aos textos, como imagens ou vídeos, há, com frequência, dificuldade de relacionar imagens e textos. Como decorrência, hoje em dia, as buscas no *site* central estão bastante lentas, razão pela qual os próprios mantenedores do Indymedia recomendam

17. O RSS configura-se como um subconjunto de dialetos no formato XML, empregados para agregar conteúdos, e sua tecnologia permite aos usuários da internet se inscreverem em *sites* que fornecem “feeds” (fontes) RSS e que mudam ou atualizam o seu conteúdo regularmente; assim, o usuário pode permanecer informado da atualização de diversos *sites* sem precisar visitá-los um a um.

18. XML (eXtensible Markup Language) é uma recomendação da W3C (World Wide Web Consortium) para gerar linguagens de marcação para necessidades especiais. É um subtipo de Linguagem Padronizada de Marcação Genérica capaz de descrever diversos tipos de dados. Seu propósito principal é facilitar o compartilhamento de informações através da internet.

19. O'REILLY, T. *What is web 2.0* (O que é web 2.0). 2005. Disponível em: <<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-2.0.html>>. Acesso em: 20 nov. 2007.

20. IMC, op. cit.

21. MARTÍN, C. Información general (Informação geral). Disponível em: <<http://www.desarrollo-web.com/articulos/221.php?manual=5>>. Acesso em: 23 nov. 2007.

motores de busca externos, a exemplo do google.com, instrumento potente de busca avançada²². Uma das provas mais representativas da ampliação e, paradoxalmente, da insuficiência de recursos do IMC é a impossibilidade de acompanhar o número de visitas às suas páginas. As informações, sempre imprecisas, têm razões diversificadas. Muitos dos *sites* se alojam num mesmo servidor. Há IMCs locais em servidores próprios, com registros específicos. Existem muitos enlaces na internet que reproduzem os conteúdos do IMC, e também momentos de grande *tráfego*. Por exemplo, quando do protesto, em Gênova, julho de 2001, contra o G8, os *sites* do Indymedia receberam quase cinco milhões de visitas²³.

Quanto à interatividade, consiste em elemento básico do jornalismo cidadão e do IMC. É incentivado de várias formas, a partir do citado *Indy-news updates* e da chance de agregar comentários aos textos disponibilizados. Há fóruns e grupos de discussão, pesquisas *on-line* e *chats*, além de espaço para que as pessoas postem textos, imagens, áudios ou vídeos diretamente do *browser* e de outras opções de participação (*About, contact, support us, get involved, syndication, volunteer* etc. – Figura 1). Mas, na prática, o Indymedia enfrenta problemas de interação. Em contato com os que fazem o Indymedia, as respostas escasseiam ou inexistem, como comprovado em estudo recente sobre o IMC e especificamente CMI Brasil²⁴.

Daí o IMC, como foro de natureza livre, estimular para que cada um ajude a incrementar a disseminação dos conteúdos. Apresenta sugestões, como: imprimir o PDF semanal do grupo de impressão, reproduzi-lo e distribuí-lo; incentivar as estações de rádio a difundirem as produções do IMC; preparar súpula e organizar mostras de vídeo do Indymedia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que, do ponto de vista técnico, o IMC se impõe como hiper-mídia e hipertexto. Mas não falamos de perfeição. Contém, sim, imperfeições, e muitas. Há crise de gerenciamento no universo do Indymedia, identificada desde 2003²⁵. Talvez como decorrência da carência de recursos financeiros e humanos, existem falhas técnicas: imagens distorcidas; lentidão na disponibilização de informações; precariedade no sistema de busca quanto à agilidade e precisão, com casos de não-recuperação de informações, a exemplo do sobrenome Targino, não identificado, embora constando em *matéria-teste*.

Quer dizer, os processos externos não estão em consonância com a proposta de democratização das informações, em face da dificuldade que o cidadão comum enfrenta para divulgar seus textos noticiosos ou consultar dados. No momento em que a página central do IMC apresenta problemas de aplicabilidade/usabilidade/navegabilidade/interatividade, afasta as parcelas populacionais menos favorecidas dos ciclos informacionais, inibindo a autopublicação de notícias geradas pelos cidadãos, dentro do preceito popular de que *A voz do povo é a voz de Deus*.

22. O'REILLY, op. cit.

23. IMC, op. cit.

24. TARGINO, op. cit.

25. MORRIS, op. cit.

Se essas constatações não invalidam a função primordial do jornalismo cidadão e do IMC em propiciar a todos o acesso à informação, elemento imprescindível à cidadania, mostram que há muito a melhorar, com vistas a dirimir as profundas diferenças sociais dos países terceiro-mundistas. Portanto, deve-se prosseguir. Os pontos positivos superam os negativos. Um dos grandes méritos, em que pese a descrença de Moretzsohn²⁶ sobre o *purismo* de intenções, é a ausência do valor comercial. As pedras angulares da rede IMC consistem na eliminação total das práticas mercantilistas presentes na grande imprensa. Não há anunciantes. A audiência é, agora, partícipe e não parte de mero *negócio*. E isto permite recuperar a identidade da informação como bem público e libertador, não mais como mera mercadoria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HERRANZ HERNANDEZ, J. **Análisis de los procesos de funcionamiento internos y externos de Indymedia Barcelona** (Análise dos processos de funcionamento internos e externos de Indymedia Barcelona). 2007. 114 f. Tese (Doctorado en Periodismo y Ciencias de la Comunicación) – Universidad Autónoma de Barcelona, Barcelona. 2007.

LÓPEZ, S.; ROIG, G.; SÁDABA, I. **Nuevas tecnologías y participación política en tiempos de globalización** (Novas tecnologias e participação política em tempos de globalização). Bilbao: Hegoa, 2003.

MORETZSOHN, S. Citizen journalism and the myth of redemptive technology (Jornalismo cidadão e o mito da tecnologia-redenção). **Brazilian Journalism Research**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 29-46, sem. 2, 2006.

MOURNIER, P. **Los dueños de la Red** (Os donos da Rede). Madrid: Ed. Popular, 2002.

TARGINO, M. das G. **Jornalismo de fonte aberta e seu enfrentamento às teorias do jornalismo: o caso do Centro de Mídia Independente Brasil**. 2007. 258 f. Tese (Instituto Interuniversitario de Iberoamérica da Universidad de Salamanca) – Universidad de Salamanca, Salamanca, 2007.

Endereços eletrônicos

HYDE, G. Independent Media Centers: cyber-subversion and the alternative press (Centros de Mídia Independente: ciber-subversão e imprensa alternativa). **First Monday**, v. 7, n. 4, p. 4, abr. 2002. Tradução nossa. Disponível em: <http://www.firstmonday.org/issues/issue7_4/hyde/index.html>. Acesso em: 27 jun. 2007.

MARTÍN, C. **Información general** (Informação geral). Disponível em: <<http://www.desarrolloweb.com/articulos/221.php?manual=5>>. Acesso em: 23 nov. 2007.

26. MORETZSOHN, op. cit.

MORRIS, D. Globalization and media democracy: the case of Indymedia (Globalização e a mídia democrática: o caso do Indymedia). In: SCHULER, D.; DAY, P. (Eds.). **Shaping the network society** (Formando a sociedade de rede). Massachusetts: MIT Press, 2003. Disponível em: <<http://www.fis.utoronto.ca/research/iprp/c3n/CI/DMorris.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2007.

O'REILLY, T. **What is web 2.0** (O que é *web 2.0*). 2005. Disponível em: <<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 20 nov. 2007.

SHUMWAY, C. A. **Building a participatory media network**: The Independent Media Center movement (Construindo uma rede midiática participativa: o movimento do Centro de Mídia Independente). 2003. Disponível em: <<http://chris.shumway.tripod.com/papers/chap3.htm>>. Acesso em: 12 out. 2007.